

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

24

U

LISBOA

Centro  
de História



MHNIN ΔΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

em causa. Assim, se o *Spartacus* de S. Kubrick e Kirk Douglas, por exemplo, era essencialmente um manifesto político feito em meados do século XX e no seguimento de todo um historial do tema, desde pelo menos os finais do século XVIII, a recente versão da STARZ, por exemplo, oferece ao espectador uma visão completamente distinta da figura do escravo-gladiador, centrando a narrativa em aspectos dos quais salta à vista a importância dada ao corpo, ao erotismo e à sexualidade. Neste caso em concreto, até mesmo a perspectiva homossexual é salientada e trazida para a ribalta como talvez nunca antes tenha sido em filmes ou produções desta temática. A este propósito, vide os interessantes estudos de A. Augoustakis («Partnership and Love in *Spartacus: Blood and Sand* (2010)», pp. 157-165) e de A. K. Strong («Objects of Desire: Female Gazes and Male Bodies in *Spartacus: Blood and Sand* (2010)», pp. 167-181) neste volume.

A pertinência e a actualidade do tema fazem deste volume uma obra do maior interesse para a investigação contemporânea no domínio das Ciências da Antiguidade. É ainda de destacar a presença de textos de autores como A. Augoustakis, A. Futrell e J. Paul, os quais têm já escrito e publicado trabalhos da maior importância sobre estas problemáticas, bem como a editora geral do livro, M. S. Cyrino, naturalmente, a quem devemos alguns dos primeiros estudos sobre a conhecida série televisiva da HBO, *Rome*.

O livro em recensão é ilustrado com um importante número de figuras alusivas aos vários temas estudados. A bibliografia final e o índice remissivo contribuem também para a qualidade do volume.

**Nuno Simões Rodrigues**

**PANTELIS MICHELAKIS** (2013), *Greek Tragedy on Screen*, Oxford, Oxford University Press, 267 pp. ISBN 978-0-19-923907-8 (£58.00).

O estudo publicado por P. Michelakis insere-se nas problemáticas da recepção da Antiguidade Clássica, em particular da recepção no Cinema, mas tem a particularidade de não abordar o tema a partir da teoria dos estudos de caso.

Com efeito, o que Michelakis faz é estabelecer uma série de categorias, designadamente «O espectador», «A canonicidade», «A adaptação», «Palavra e Imagem», «Os meios», «O género», «História», «Tempo» e «Espaço», e recolher das suas fontes (as adaptações

cinematográficas) a informação que lhe serve para concluir acerca de cada uma delas. Esta é, quanto a nós, a grande originalidade e até mesmo mais-valia deste livro.

O outro aspecto a ser salientado é o *corpus* considerado e que podemos dividir em três grandes grupos. Há o grupo das adaptações «clássicas» das tragédias clássicas, em que se incluem produções cinematográficas/televisivas, como a *Antigone* de D. Taylor (1984) ou a *Electra* de M. Cacoyannis (1962). Há o grupo das adaptações «modernizadas» ou relocalizadas no espaço e no tempo, como *Appunti per un'Orestiade africana* de P. P. Pasolini (1972) e a *Phaedra* de Jules Dassin (1962). E há o grupo das «inspirações», digamos assim, ou influências nos e dos textos clássicos, como *The Searchers* de J. Ford (1956) e *Mighty Aphrodite* de W. Allen (1995). Por outro lado, estranhámos na lista filmográfica apresentada no final a ausência de títulos como *Mourning becomes Electra* de D. Nichols (1947).

O estudo que o A. faz é incisivo e da maior pertinência, porque não só se analisa a presença das estruturas narrativas do trágico antigo na cinematografia como também a dos elementos definidores do trágico, «canonizados» sobretudo pela *Poética* nesses mesmos documentos. Permite-se assim concluir da continuidade desta herança clássica na cultura contemporânea.

**Nuno Simões Rodrigues**